

Uma história sobre o início e a difusão da Terapia do Esquema no Brasil

A story about the beginning and spread of Schema Therapy in Brazil

Maicon da Silva Moreira

 <https://orcid.org/0000-0003-1845-8012>

Ronald Clay dos Santos Ericeira

 <https://orcid.org/0000-0003-4890-9881>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Brasil

Resumo

A Terapia do Esquema é um modelo psicoterápico em crescimento no cenário atual das práticas psicológicas utilizadas pelos psicólogos (as) brasileiros (as). Este artigo visa compreender de forma historicizada essa expansão entre os anos de 1990 a 2010, por meio da Análise de Conteúdo (Bardin) de relatos orais de profissionais de Psicologia que estudam, praticam, ou tiveram contato com esse modelo teórico. As memórias indicam a difusão dessa abordagem na região Sul e Sudeste do país e por intermédio de terapeutas cognitivo-comportamentais, que inicialmente aprenderam o modelo teórico de forma autodidata e, posteriormente, investiram em seu ensino.

Palavras-chaves: história; terapia do esquema; terapia cognitiva comportamental.

Abstract

Schema Therapy is a growing psychotherapeutic model in the current scenario of psychological practices used by Brazilian psychologists. This paper aims to gain a historical understanding of this expansion between 1990 and 2010, through content analysis (Bardin) of oral reports by psychology professionals who study, practice or have had contact with this theoretical model. The memories indicate the spread of this approach in the south and southeast of the country and through cognitive-behavioral therapists, who initially learned the theoretical model in a self-taught way and later invested in teaching it.

Keywords: history; schema therapy; cognitive behavioral therapy.

A Terapia do Esquema (TE) é uma prática psicológica integrativa do segmento psicoterápico Cognitivo-Comportamental (TCC), com início de desenvolvimento na década de 1980, nos Estados Unidos (EUA), pelo psicólogo Jeffrey Young, voltada para o tratamento de pacientes considerados clinicamente difíceis e desafiadores, como os que são diagnosticados com algum transtorno de personalidade. Posteriormente, seus protocolos passaram a ser estudados e aplicados para diversas demandas, incluindo os transtornos de personalidade borderline e narcisista, depressão e ansiedade crônica, traumas infantis, transtornos alimentares, dificuldades relacionais e prevenção de recaída no uso abusivo de substância psicoativa (álcool e outras drogas), tornando-se, portanto, uma forma de intervenção para questões psicológicas complexas desenvolvida ao longo dos últimos 30 anos (Young, 2003/2008; Falcone, 2011; Edward & Arntz, 2012).

Seu desenvolvimento surgiu em decorrência principalmente de três fatores, a saber: 1) a experiência pessoal de seu criador (Jeffrey Young); 2) a pesquisa com holandeses; 3) e a publicação de um estudo do modelo da Terapia do Esquema em grupo (Edward & Arntz, 2012). Entretanto, é oportuno esclarecer que entre as décadas de 1970 e 1980, o campo da psicoterapia nos Estados Unidos passava por transformações, evidenciando uma rixa nos Departamentos de Psicologia das universidades do país, que se dividiam mormente entre o modelo tradicional psicanalítico e a emergente Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC). Este cenário começou a mudar somente quando os psicólogos (as) das TCC's decidiram testar as práticas Humanísticas, as Experienciais e também as Psicanalíticas (e em igual medida os adeptos desses modelos à TCC), fazendo surgir, consequentemente, novos modelos psicoterápicos. Desse processo, teve origem em 1990, o *Journal of Psychotherapy Integration* (Jornal de Psicoterapia Integrativa - tradução livre), mantido pela *American Psychological Association* – APA (Associação Americana de Psicologia - tradução livre) e o *Handbook of Psychotherapy Integration* (Manual de Integração em Psicoterapia - tradução livre) (Edward & Arntz, 2012). Poder-se-ia dizer que Jeffrey Young se insere neste contexto mudanças no campo da psicoterapia.

Pessoalmente, Young deu início a criação da TE quando identificou que o modelo terapêutico direutivo e predominante de curta duração que utilizava (Terapia Cognitiva tradicional) era ineficaz para todos os pacientes que atendia, sobretudo para os casos refratários (pacientes corretamente diagnosticados, porém com resultado insatisfatório nos tratamentos utilizados) e ou com transtorno de personalidade. Isso o fez conjecturar outra forma de intervir, não ignorando os protocolos cognitivistas, mas integrando princípios de outras escolas, enfatizando a relação terapêutica, os processos adquiridos precocemente e as práticas experenciais (Young, 1999/2003, 2003/2008, 1994/2020; Edward & Arntz, 2012;).

No final da década de 1990, Young já conceituava sua prática de Terapia Focada em Esquema (TFE), e por indicação do próprio Aaron Beck, foi apresentado

a Arnaud Arntz para iniciar o processo de testagem dos protocolos de sua teoria em pacientes holandeses diagnosticados com transtorno de personalidade borderline (Edward & Arntz, 2012). O resultado do estudo holandês foi publicado em 2006, no *Archives of General Psychiatry*, apontando a TE como mais eficaz em comparação com a Terapia Psicodinâmica no tratamento de pacientes com transtorno de personalidade borderline, inserindo-a, então, na lista das psicoterapias baseadas em evidências científicas (Edward & Arntz, 2012). Somado a esse estudo e em paralelo, no início dos anos 2000, outra pesquisa foi conduzida pelas pesquisadoras Joan Farrel e Ida Shaw, porém na modalidade grupal, abrindo um caminho novo e promissor no segmento da TE, expandindo, portanto, a prática para além dos atendimentos individualizados (Edward & Arntz, 2012).

Consequentemente, ainda na primeira década dos anos 2000, várias linhas de pesquisas foram criadas nesse modelo teórico, angariando novos adeptos e em vários países. Por esse crescimento, no ano de 2008, em Coimbra (Portugal), foi instituída a *International Society Of Schema Therapy – ISST* (Sociedade Internacional de Terapia do Esquema - Tradução livre), uma instituição com objetivo de reunir pesquisadores e profissionais ao redor do mundo interessados na teoria e prática da Terapia do Esquema.

No Brasil, empiricamente percebemos o quanto a Terapia do Esquema tem crescido nos últimos anos, sobretudo entre os adeptos da Terapia Cognitiva Comportamental, mas não se limitando a esses. Contudo, inexistem publicações com viés historicizado sobre a abordagem e entre os profissionais de Psicologia que discorrem sobre os possíveis fatores que contribuíram para sua expansão em território nacional. Nesse sentido, buscando compreender a fase inicial deste processo conduzimos esta pesquisa.

Objetivo

Este trabalho teve como objetivo apresentar, de forma historicizada, processos do início e da difusão da Terapia do Esquema entre profissionais de Psicologia no Brasil, concentrando-se no período de 1990 a 2010, a fim de compreender sua expansão inicial no país. Esse recorte temporal foi escolhido, porque as memórias compartilhadas pelos participantes nas entrevistas remontam a esse período como o começo da inserção da Terapia do Esquema no país.

Método

Trata-se de um estudo com delineamento histórico do tipo exploratório e descriptivo. Utilizamos como referenciais teórico-metodológicos a História Oral e técnicas do método de Análise de Conteúdo (Bardin, 2016; Meihy & Seawright, 2020). A História Oral, como perspectiva teórica, concebe a História como uma narrativa mais livre, desapegando-se do ponto de vista da História vista como uma verdade

total. Outrossim, ao ampliar o campo documental da pesquisa histórica, considera as memórias compartilhadas pelos participantes como documentos históricos, que são analisados e utilizados pelos pesquisadores para construir uma narrativa historicizada (Penna, 2005; Meihy & Seawright, 2020). Quanto ao método de Análise de Conteúdo, este refere-se a um conjunto de técnicas que visa analisar comunicações, em vias de obter indicadores qualitativos e quantitativos que permitam aferir os conteúdos das mensagens analisadas (Bardin, 2016).

Documentos e Apresentação dos entrevistados

O material analisado consiste em relatos orais (memórias de expressão oral) de oito psicólogos (as) brasileiros (as). O critério de seleção para participação na pesquisa foi o vínculo direto ou indireto desses profissionais com a Terapia do Esquema, exigindo que tivessem estudado, pesquisado, trabalhado, ou feito parte do histórico dessa abordagem. Não houve distinção quanto ao tempo de formação, região de atuação, nível de titulação acadêmica ou tempo de contato com a Terapia do Esquema; e como critério de exclusão, considerou-se a ausência do critério antes mencionado. Todos os participantes foram convidados pelo pesquisador; alguns já eram conhecidos por sua atuação no campo da Terapia do Esquema no país, enquanto outros foram indicados pelos próprios entrevistados, ratificando os critérios estabelecidos.

Psicólogos (as) entrevistados:

Ricardo Wainer – Psicólogo (CRP 07/06301), Especialista em Terapia do Esquema com treinamento avançado (New Jersey / New York Schema Institute). Mestre em Psicologia Social e da Personalidade e Doutor em Psicologia pela PUC-RS. Professor e supervisor em Terapia do Esquema. Organizador e autor do primeiro livro brasileiro sobre a Terapia do Esquema “Terapia Cognitiva Focada em Esquemas”.

Início do contato com a Terapia do Esquema no final da década de 1990.

Ricardo Wainer – Psicólogo (CRP 07/06301), Especialista em Terapia do Esquema com treinamento avançado (New Jersey / New York Schema Institute). Mestre em Psicologia Social e da Personalidade e Doutor em Psicologia pela PUC-RS. Professor e supervisor em Terapia do Esquema. Organizador e autor do primeiro livro brasileiro sobre a Terapia do Esquema “Terapia Cognitiva Focada em Esquemas”.

Início do contato com a Terapia do Esquema no final da década de 1990.

Eliane Mary de Oliveira Falcone – Psicóloga (CRP 05/3215), Especialista em Terapia Cognitiva pelo Beck Institute e certificada em Terapia Cognitiva Comportamental pela Federação Brasileira de Terapias Cognitivas (FBTC). Mestre em

Psicologia Clínica pela PUC-RJ e Doutora em Psicologia Clínica pela USP. Clínica e supervisora em Terapia Cognitiva Comportamental. Coordena cursos de formação em TCC e ministra cursos em Terapia do Esquema.

Início do contato com a Terapia do Esquema em 2003.

Paula Rui Ventura – Psicóloga (CRP 05/16145), Doutora em Ciência Biológicas pela UFRJ e Columbia University. Professora universitária vinculada ao departamento de psiquiatria da UFRJ. Experiência em Psicologia com ênfase em Terapia Cognitiva Comportamental.

Início do contato com a Terapia do Esquema em 2003.

Cristiano Ricardo Faedo Nabuco de Abreu – Psicólogo (CRP 06/28039), Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade do Minho (Portugal). Tem experiência como psicólogo clínico e professor de Terapia Cognitiva. Pesquisador do tema Dependência em Tecnologia.

Início do contato com o criador da Terapia do Esquema em 2007.

Melissa Gevezier Fioravante – Psicóloga (CRP 04/25126), Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, na linha de pesquisa História e Filosofia da Psicologia. Tem experiência na área da Saúde Coletiva, com a Clínica Psicológica utilizando a Terapia Cognitiva Comportamental, principalmente a Terapia do Esquema. É professora e supervisora em TCC e Terapia do Esquema.

Início do contato com a Terapia do Esquema em 2007/2008.

Jaqueleine Nobre Farias Leão – Psicóloga (CRP 15/2022), Especialista em Psicologia Jurídica e Mestre em Sociologia pela UFAL. Formação em Gestalt-Terapia, em Terapia Cognitiva Comportamental, em Teoria do Apego e Terapia do Esquema pela Wainer Psicologia (International Society of Schema Therapy (ISST)). Supervisora certificada pela International Society of Schema Therapy (ISST). Professora de Pós-Graduação e Formação em Terapia do Esquema.

Início do contato com a Terapia do Esquema em 2008.

Thaís Cristina De Castro Conde Galvão – Psicóloga (CRP 06/62884), Especialista em Atendimento Familiar Sistêmico e Psicanálise. Formação em Terapia do Esquema e Psicologia Positiva pelo núcleo Aplicado de Psicologia Positiva. Tem experiência como funcionária pública em atendimento a adolescente infrator, e como clínica e supervisora em Terapia do Esquema.

Início do contato com a Terapia do Esquema em 2016/2017.

Gabriela de Araújo Braz – Psicóloga (CRP 05/56462), Especialista em Crianças, Adolescentes e Família. Mestre em Psicologia e Doutoranda em Psicologia

pela UFRRJ. Professora universitária. Formação em Terapia do Esquema pela Wainer Psicologia Cognitiva.

Início do contato com a Terapia do Esquema em 2017.

Procedimentos de Coletas de Dados

Os oitos psicólogos (as) foram entrevistados por meio de videoconferências com duração média de uma hora e meia, e todos responderam à seguinte questão/pergunta: Conte-me sobre sua formação, sua motivação e seu contato com a abordagem da Terapia do Esquema. De acordo com o seu conhecimento, quando e como a Terapia do Esquema chegou ao Brasil? Esclarecemos que a pesquisa foi conduzida somente após aprovação em comitê de ética.

Procedimentos de Análise dos Documentos

Seguindo a metodologia de construção da História Oral, todas as entrevistas foram gravadas e transcritas pelo pesquisador. Posteriormente, esses colaboradores autorizaram através de uma “Carta de Cessão de Direitos Autorais sobre Entrevista/Depoimento Oral – CCDA” o uso desses dados de forma parcial ou total para fins acadêmicos e científicos. Em seguida, conforme técnica de análise de conteúdo, esses textos foram codificados em unidades de registros seguindo ordem de afinidade e fazendo emergir categorias temáticas que auxiliaram a organizar e analisar os dados historicamente. Por fim, utilizamos as unidades de contextos para referenciar as informações desses códigos e redigir a narrativa histórica (Bardin, 2016; Meihy & Seawright, 2020).

Resultados

Considerando que os conteúdos mnemônicos revelam características coletivas, personagens, acontecimentos, temas comuns, lugares, são seletivos e não seguem uma lógica linear, fez-se então necessária a sistematização das memórias reconstruídas pelos participantes, a fim de estabelecer o enredo narrativo (Pollak, 1992; Ericeira, 2006; Ricoeur, 2007). Nesse sentido, após a codificação das entrevistas, surgiram quatro categorias que apresentam de forma estruturada alguns aspectos da conjuntura historicizada inicial da Terapia do Esquema no país¹, quais sejam: Marco Temporal, Evento, Processo de Institucionalização e Atores internos.

Todas essas categorias foram divididas e assim surgiram subcategorias que melhor expressavam os sentidos das memórias comuns. As categorias “Marco Temporal” e “Evento” apresentam dados que viabilizam compreendermos possivelmente

¹ Esclarecemos que não delimitamos regiões específicas nessa pesquisa em virtude da inexistência de dados sobre a abordagem no país, portanto, quando falamos “Terapia do Esquema no Brasil” nos referimos às regiões às quais tivemos acesso nas narrativas dos colaboradores.

um marco para o estabelecimento da abordagem no país, assim como vários eventos ocorridos ao longo dos anos referentes à essa teoria. Em termos de quantificação, a categoria “Marco Temporal” teve a sua divisão em três subcategorias, quais sejam: “Data histórica de chegada – 1990” (25,0%); “Data histórica de chegada – 2000” (62,5%); e Não soube responder (12,5%). E a categoria “Evento” se dividiu em seis subcategorias, sendo: “1990” (17,9%); “2000” (14,3%); “2004” (3,6%); “2007” (57,1%); “2008” (3,6%) e “2009/2010” (3,6%).

Já as categorias “Atores Internos” e “Processo de Institucionalização” apresentam personagens lembrados pelos entrevistados, assim como os processos vivenciados por eles no decorrer dos acontecimentos rememorados. Assim, a categoria “Atores Internos” se dividiu em três subcategorias, a saber: “Ricardo Wainer” (47,4%); “Eliane Falcone” (31,6%); e “Outros” (Paulo Knapp, Cristiano Nabuco, Marco Callegaro e Paula Ventura) (21,2%). Quanto à categoria “Processo de Institucionalização”, ela se dividiu entre duas subcategorias, quais sejam: “Formação não institucional” (52,8%) e “Docência” (47,2%).

Esclarecemos que a narrativa a seguir considerou todas essas categorias e subcategorias para sua organização estrutural e linear, enfatizando-se as mais lembradas. Contudo, alertamos que ela se constitui de lembranças pessoais, são memórias, por isso alguns dados podem não coincidir linearmente, ainda que expressem veracidade a partir das experiências vivenciadas e narradas pelos psicólogos entrevistados (Ricoeur, 2007).

O início da Terapia do Esquema no Brasil na década de 1990

Como podemos identificar, 25% dos interlocutores frisaram que a TE está presente na realidade dos profissionais de Psicologia no Brasil desde a década de 1990, ainda que identifiquemos crescimento expressivo a partir dos anos 2000. As primeiras evidências dessa presença em 1990 estão nos comentários da psicóloga Gabriela Braz e do psicólogo Ricardo Wainer:

Bom, de acordo com os meus conhecimentos, acredito que tenha sido por volta da década de 1990, algumas leituras que eu fui fazendo para entender a teoria foi basicamente nesse ano, [...] (Gabriela de Araújo Braz).

E no meu mestrado, eu trabalhei sobre um modelo cognitivo da depressão e aí dentro da revisão de literatura tem englobando todas as questões de Beck, Albert Elis, esses nomes aí... e nesse ínterim me deparei com a Terapia do Esquema que para mim fez muito sentido [...]. [...] O mestrado eu concluí em 97 (1997) [...] (Ricardo Wainer).

Nesses termos, tanto a psicóloga Gabriela Braz quanto o psicólogo Ricardo Wainer citam a década de 1990, porém são os relatos de Wainer que possibilitam compreender com mais detalhes essa presença. Segundo nos confidenciou, há muitos anos ele se dedica a Terapia do Esquema, desde quando cursava o mestrado,

conforme expressa em suas lembranças:

E aí eu me apaixonei pela abordagem, porque ela explicava uma série de coisas de personalidade, de gênese e de desenvolvimento da personalidade, tanto normal como patológica, que a TCC clássica não dava conta disso. Ela não negava a importância da infância, da adolescência, mas ela não entrava nisso, e como eu sempre me interessei por transtornos de personalidades, desde o início da minha prática clínica, eu trabalhei muito com pacientes com comportamentos violentos, delituoso, então as questões de Antissocial, Narcisismo, Borderline, sempre estavam por ali. O modelo inicial, o modelo primeiro da Terapia Cognitivo Comportamental para transtornos de personalidades que era do Beck e do Freeman, era ótimo para diagnóstico, para entender, mas não tinha solidez para a terapêutica, ou seja, faltava recurso técnico para entrar ali, e a Terapia do Esquema supriu isso de uma maneira incrível. [...] embora admito que no primeiro momento que li eu me apaixonei, porém descobri que me apaixonei de forma errônea, porque muitos conceitos que eu li nesse livro que está aí na sua estante, no "Terapia do Esquema", no "brinquinho e laranja", a nossa bíblia, eu tive vários entendimentos que depois quando eu fui fazer minha formação descobri que não era aquilo, ou seja, a complexidade da situação (Ricardo Wainer).

A vivência de Wainer com a TE em 1990 configura a primeira evidência da presença dessa terapia em território brasileiro e segundo as psicólogas Melissa Fioravante, Jaqueline Leão e Thais Galvão, ele seria o responsável por trazer a Terapia do Esquema para o país: “*De verdade, ela chegou ao Brasil através do Ricardo Wainer. Ele é o precursor da Terapia do Esquema no Brasil. Ele foi a pessoa que realmente trouxe essa abordagem para o Brasil [...]*” (Jaqueline Nobre Farias Leão) e “*A verdade é que eu não sei quando, mas eu entendo que ela chegou com o Wainer. Acho que o Wainer traz a Psicologia do Esquema para o Brasil*” (Thais Cristina de Castro Conde Galvão).

O contato inicial de Wainer com a TE é interessante, porque transmite a ideia de uma descoberta, um acaso que gerou entusiasmo e esse sentimento simboliza as primeiras vivências da TE no Brasil, a partir de seu relato e dos demais colaboradores. Além disso, revela uma característica de aprendizado e prática pautada pelo autodidatismo e sua inserção posterior no cenário educacional, incluindo a docência como parte dessa conjuntura. Ou seja, se na década de 1990 não existia curso de formação em Terapia do Esquema no país, o início desse psicólogo neste cenário terapêutico se deu por interesse próprio, de forma autodidata, e o começo de suas atividades como docente marca o início indireto do ensino da TE no país.

Além de sua experiência pessoal, Wainer também nos confidenciou a realização de um Workshop no auditório da Associação Médica do Rio Grande do Sul (AM-RIGS) nessa mesma época (1990), organizado pelo então presidente da Sociedade Brasileira de Terapias Cognitivas (SBTC), o psiquiatra Paulo Knapp (1962-2022).

O Paulo Knapp, que foi um dos grandes introdutores da TCC beckiana no Brasil e muito aqui no Sul, fez o movimento de tentar trazer, até pela FBTC, o Jeffrey Young para o Brasil, e ele trouxe, eu não sei

te precisar o ano, tenho que tentar procurar isso, mas eu acho que foi em torno de 96 (1996) e 98 (1998), por aí, que foi ali na AMRIGS (Associação Médica do Rio Grande do Sul), num dos auditórios e que juntou eu acredito que não mais que umas cinquenta pessoas (Ricardo Wainer).

Este evento no formato de Workshop foi ministrado pelo próprio criador da abordagem, o psicólogo estadunidense Jeffrey Young, e tinha o objetivo apresentar suas descobertas teóricas e práticas aos profissionais brasileiros. A realização deste evento na região Sul pode simbolizar o interesse dos profissionais brasileiros em conhecer o modelo da TE, ou seja, aponta que o início dessa abordagem no país aconteceu por essa região.

Era um evento todo, uma manhã e uma tarde inteira com Jeffrey Young falando sobre a Terapia do Esquema, como ela foi criada, os principais conceitos teóricos, a prática, mostrando alguns vídeos, ou seja, mostrar a Terapia do Esquema para o povo brasileiro. E foi muito bacana... [...] (Ricardo Wainer).

A propósito, considerando o atravessamento histórico da TE com a Terapia Cognitiva tradicional, segundo a literatura sobre a TCC no Brasil, foi na região Sul do país, em 1997 (Gramado – Rio Grande do Sul), que aconteceu o I Congresso Brasileiro de Terapias Cognitivas (CBTC) e no decurso deste evento foi fundada a Sociedade Brasileira de Terapias Cognitivas (SBTC), tendo como presidente o médico psiquiatra Paulo Knapp (1956-2022) e a participação de 26 profissionais, incluindo psicólogos e médicos psiquiatras, sendo um deles o psicólogo Ricardo Wainer (Neufeld et al., 2015), como menciona: “*Nessa época, eu fui um dos sócios-fundadores da Federação Brasileira de Terapias Cognitivas, da FBTC², e ali nas nossas reuniões a gente discutia algumas questões teóricas e o trabalho do Jeffrey Young vinha muito à tona*” (Ricardo Wainer).

Segundo a literatura pesquisada (Rangé et al., 2007), entre 1997 e 1998, o então presidente da SBTC, Paulo Knapp, junto da médica psiquiatra Melanie Oglialare, organizaram em São Paulo e em Porto Alegre (região Sudeste e Sul do país) um programa de capacitação em Terapia Cognitiva que possibilitou a visita de profissionais americanos vinculado ao Instituto Beck (*Beck Institute – Pennsylvania*) (Rangé et al., 2007). Acreditamos que este workshop ministrado por Young na década de 1990 seja consequência deste programa.

Nesse sentido, a Terapia do Esquema se fez presente em território brasileiro especificamente na região Sul do país já na década de 1990, e este dado histórico é evidenciado pela trajetória do psicólogo Ricardo Wainer e pela realização do Workshop ministrado por Jeffrey Young.

² Em 2009 a SBTC passou a se chamar FBTC.

A expansão da Terapia do Esquema no Brasil na primeira década dos anos 2000

Como mostram as categorias “Marco Temporal” e “Evento”, a primeira década dos anos 2000 foi lembrada mais vezes pelos colaboradores (87,5%) e o fato de a maioria deles, com exceção de Wainer, ter tido contato com a TE a partir dessa época, poder-se-ia explicar esta inclinação. Todavia, esse período possui diversos acontecimentos no contexto da Terapia Cognitiva tradicional no país e isso também pode ter contribuído para que os processos históricos da Terapia do Esquema surgissem.

Segundo identificamos na categoria “Evento”, no início dos anos 2000, Cristiano Nabuco e Eliane Falcone participaram de eventos científicos internacionais do segmento das Terapias Cognitivas e Comportamentais em busca de atualização e isso tornou-se uma semente germinada anos mais tarde no campo da Terapia do Esquema no país.

E aí, em 2000, eu fui para um congresso em Vancouver, que era um congresso mundial de terapias cognitivas e comportamentais, e lá eu encontrei o livro que estava sendo editado, editado não, um livro do Robert Leahy, sobre os desafios, “Como lidar com as resistências” ou “Desafiando as resistências”, algo assim, em Terapia Cognitiva Comportamental, então aquele livro foi uma preciosidade [...] (Eliane Mary de Oliveira Falcone).

Então, isso lançou uma nova onda de trabalhos com vários autores que começaram a sair desse modelo mais fechado como, por exemplo, Christine Padesky, Vittorio Guidano, Jeremy Safran, Jeffrey Young, isto é, espiando um pouquinho além do muro. Por que além do muro? Porque a própria Terapia Cognitiva até então ela não era muito voltada para análise desses padrões infantis de relacionamento e da inclusão das emoções na gênese dos transtornos. [...] (Cristiano Ricardo Faedo Nabuco de Abreu).

Nessa época, Falcone já se interessava pelo tema relação terapêutica e buscava meios para compreendê-lo cientificamente e, em contrapartida, porém da mesma forma, Cristiano Nabuco buscava atualização e indiretamente participava desse movimento de mudança no campo das TCC's. Inclusive, o relato de Nabuco é interessante, porque vai ao encontro dos processos históricos narrados por Arntz relativos à crise no campo da psicoterapia na década de 1970 e 1980 nos EUA (Edward & Arntz, 2012). Ademais, em decorrência de sua participação em um congresso internacional, ao regressar ao Brasil, ele sugeriu à editora Artmed³ a publicação de um livro apresentado pelo psicólogo Michael Mahoney que, segundo menciona, foi a porta de entrada para novas publicações na área da TCC's no país. Nesses termos, o campo da Terapia Cognitiva no início dos anos 2000 se desenhou a partir de mudanças estruturais a nível internacional e que, por conseguinte, impactou também o cenário nacional.

³ A Artmed é editora oficial da Federação Brasileira de Terapias Cognitivas

Nesse ínterim, de forma indireta, o conhecimento teórico da Terapia do Esquema já passava a fazer parte das aulas sobre Terapia Cognitiva ministradas por Wainer em cursos de pós-graduação no Brasil. Isso se revela tanto pela frequência que a subcategoria “Docência” é citada pelos interlocutores (48,8%), quanto pelas próprias rememorações de Wainer:

[...] O que nós tínhamos era nas especializações que a gente dava aula de TCC, e eu principalmente na parte de personalidade, transtornos de personalidade, isso entrava. E às vezes em aulas iniciais do modelo cognitivo-comportamental eu já incluía o entendimento dos esquemas iniciais desadaptativos do Jeffrey Young, e toda essa conexão. Então as pessoas já conheciam no Brasil a partir disso [...] (Ricardo Wainer).

Por seu turno, a psicóloga Eliane Falcone se insere nessa conjuntura docente da TE no Brasil nos anos 2000. Detalhe, ela foi apontada em segundo lugar como personagem responsável pela difusão no país, como exemplificam as categorias “Atores Internos” - “Eliane Falcone” (31,6%) e “Docência” (47,2%). Nesse bojo, a própria Falcone relata seu interesse pela TE:

Bem... meu contato foi em 2003, e eu estava vivendo uma situação na qual eu buscava meios e conhecimentos sobre a relação terapêutica. Na minha prática clínica, eu sentia que esse tópico em TCC (Terapia Cognitivo-Comportamental) faltava. Havia uma lacuna que nos orientasse sobre como lidar com determinados contextos interpessoais da sessão terapêutica, e eu percebi que a gente usava o bom senso, a empatia, mais dentro do que seria razoável para aquele momento do que propriamente seguindo um corpo teórico e empírico sobre como lidar em determinadas situações, e os pacientes difíceis são os que mais demandam esse conhecimento [...]. E aí foi que em 2003, quando eu estava indo para um congresso da FBTC, na época era SBTC, eu me deparei com o livro, alguém tinha e me mostrou algo assim, que eu comecei a ler e era aquele livro mais fininho do Jeffrey Young, que era o primeiro que foi traduzido (Eliane Mary de Oliveira Falcone) .

Eliane Falcone diz ainda ter encontrado o primeiro livro de Young publicado no Brasil, *Terapia Cognitiva para Transtorno da Personalidade: Uma abordagem focada em esquemas*, em 2003, e posteriormente a isso convidou outra psicóloga, Paula Ventura, para estudar esse conteúdo.

E era um livro muito sucinto sobre o assunto, mas vamos dizer assim, detalhado o suficiente para que eu ficasse muito interessada (espontaneidade e sorriso). E eu vi ali claramente uma construção de um modelo teórico e empírico, porque ele se baseia também em dados, sobre a resistência, mas falando de outra forma, falando dos esquemas, e ali ele explicava mais a resistência e como lidar com ela através do seu modelo teórico dos esquemas. Então, eu fiquei encantada com aquilo e quando eu voltei pro Rio de Janeiro eu entrei em contato com a Paula Ventura, [...]. Enfim, o fato é que nós combinamos de que iríamos estudar e chegou naquele ano o livro em inglês que agora é traduzido e foi traduzido e publicado em 2008, mas ele foi escrito em 2003, e nós compramos o livro e começamos a

nos reunir uma vez por mês para discutir os capítulos, e tentar discutir os capítulos buscando sentido nas intervenções que nós fazíamos com os nossos clientes, pegando os exemplos dos nossos clientes, discutindo os exemplos... (Eliane Mary de Oliveira Falcone).

Falcone e Ventura, assim como Wainer, iniciam no segmento da TE de forma autônoma evidenciando uma conjuntura autodidata e empreendedora, e isso se revelou por meio da Subcategoria “Formação não Institucional” com a frequência de 52,8%. Além disso, Paula Ventura menciona o ineditismo da teoria nessa época e também o seu entusiasmo com a leitura.

Bom, eu comecei a me interessar assim que saiu o livro dele, do Jeffrey Young, e comecei a ler e a estudar com a Eliane Falcone, a gente fez um grupo de estudos nós duas, isso foi em 2003, mais ou menos. E era muito divertido, porque a gente estudava juntas, discutia e não tinha praticamente ninguém no Brasil trabalhando com Terapia do Esquema, e nós acabamos dando um curso, eu posso me confundir com datas, porque tem bastante tempo, mas a gente acabou dando um curso em dois congressos. Um foi da ALAPCCO, em 2004 ou 2005, mais ou menos, e um deles foi em Porto Alegre. Depois, teve um outro acho que em Campinas, não me lembro muito bem, porque faz muito tempo. [...] O que eu me lembro na época, e eu posso estar errada, é que não tinham outras pessoas. Quando a gente deu o curso, que foi em 2004, não tinham outras pessoas ministrando cursos em congressos e tudo era uma coisa muito nova, se tivesse eu não tinha conhecimento. [...] pelo menos até onde nós soubéssemos com certeza era muito incipiente. Tanto que a gente queria estudar e não tinha com quem trocar, não era como é hoje (Paula Rui Ventura).

[...] então era em 2004, então num evento da ALAPCCO que aconteceu na PUC do Rio Grande do Sul, então eu e ela propomos um curso, oferecer um curso de três horas sobre Terapia do Esquema. Aquilo tinha como finalidade um compromisso, porque você sabe, você estudar um assunto sem um compromisso é difícil diante de tantas atividades acadêmicas, você acaba largando aquilo de lado e quando a gente firmava um compromisso a gente tinha que estudar para apresentar, e foi o que a gente fez. E fomos assim bastante honestas com a plateia, dissemos que estávamos estudando aquilo, que ainda não tínhamos testado o modelo nos nossos próprios clientes, mas que a gente via sentido e explicamos como nós fizemos e tal e demos o curso. Cada uma falou a metade do tempo e foi um sucesso, porque aquilo era uma grande novidade para aquele grupo e foi de fato um sucesso (Eliane Mary de Oliveira Falcone).

Ainda que a trajetória dessas psicólogas tenha começado em período posterior à experiência de Wainer, em determinado momento, a realidade desses três profissionais se cruza, passando a compartilhar o mesmo processo envolvendo o estudo, a prática autodidata e a docência.

Eu apresentei o modelo, expliquei como é que a gente tinha trabalhado, como é que a gente estava trabalhando, e cada participante que era do grupo de supervisão apresentou um caso e fez uma conceitualização dentro do modelo dos esquemas. A partir daí eu comecei a ser convidada para dar aula e cursos, e eu dava muitos cursos em Floripa... eu lembro que em Porto Alegre... Porto Alegre não, em

Curitiba eu dava também curso. Quer dizer, não cursos, eu apresentava o tema em cursos de especialização. [...] Era um grupo onde a gente ia discutir os casos à luz desse conceito, do modelo conceitual da terapia dos esquemas, usando um pouco as técnicas propostas nesse segundo livro e tal, e aí assim nós fizemos. E paralelamente eu estava com um cliente com fobia social, [...] e eu disse a ele que eu estava estudando esse tema, que era algo novo para mim, dentro do que eu conhecia que era a Terapia Cognitivo-Comportamental, e queria saber se ele topava que nós pudéssemos desenvolver um trabalho em cima do modelo dos esquemas e ele se interessou e era uma pessoa muito inteligente e interessada. [...] Então, eu acho que essa foi minha primeira experiência prática dentro do modelo dos esquemas. Embora eu não tivesse tido supervisão ou formação, eu entendia que como uma terapeuta experiente na abordagem cognitiva, estudiosa e interessada teria condições, porque se você tiver uma base clínica, uma base de um modelo que é totalmente compatível [...] (Eliane Mary de Oliveira Falcone).

O cenário nacional da Terapia do Esquema no início dos anos 2000 se constituía dessa atmosfera científica, envolvendo o estudo, o aprendizado, e o ensino (docência) da abordagem entre os profissionais interessados; e como não havia referências nacionais na área, o autodidatismo foi a única alternativa inicial. Além disso, embora as psicólogas Eliane Falcone e Paula Ventura sejam profissionais da região Sudeste, muitos dos eventos científicos relatados ocorreram na região Sul, estabelecendo uma conexão entre essas regiões (Sul e Sudeste).

No início dos anos 2000, Eliane Falcone estava presidente da SBTC (2003-2005), uma instituição sediada na cidade do Rio de Janeiro, dedicada a promover e divulgar conhecimento das Terapias Cognitivas; além de atuar como professora na Universidade Estadual do Rio de Janeiro desde a década de 1990 (Rangé et al. 2007; Carvalho et al., 2015). Nesse período, Falcone compôs a equipe que trabalhou na criação da Revista Brasileira de Terapias Cognitivas (RBTC) (2005), contribuindo para a expansão do modelo cognitivo tradicional e possivelmente suas ramificações (Rangé & Falcone, n.d.). Em paralelo, surgiram também as primeiras Associações de Terapeutas Cognitivos (ATC's), instituições estaduais com objetivo de reunir profissionais e estudantes das terapias cognitivas.

É relevante mencionar que os primeiros textos desenvolvidos por profissionais brasileiros sobre a Terapia do Esquema, que identificamos para a pesquisa, foram disponibilizados nos primeiros anos dos anos 2000. O primeiro foi o artigo apresentado no editorial inaugural da RBTC em 2005, intitulado *Neurobiologia da Terapia do Esquema e o Processamento Inconsciente*, escrito pelo psicólogo Marco Callegaro, que aborda a perspectiva do inconsciente cognitivo. Posteriormente, em 2007, o psicólogo Milton José Cazassa, sob orientação da psicóloga Margareth da Silva Oliveira, redigiu um texto baseado em sua dissertação de mestrado intitulado *Mapeamento de esquemas cognitivos: validação da versão brasileira do young schema questionnaire*. Esta pesquisa teve como objetivo validar a versão brasileira do Questionário de Esquema desenvolvido por Jeffrey Young e colaboradores. Assim sendo, a primeira década dos anos 2000 pode ser considerada significativa para

o segmento da TE no país em decorrência do aumento de atividades relacionadas à abordagem, sendo conduzidas por profissionais da Psicologia que, por seu interesse e envolvimento acadêmico e científico, contribuíam para essa expansão em nível nacional, embora ainda limitada aos Estados com a presença significativa da Terapia Cognitivo-Comportamental tradicional.

Ainda em 2007, em São Paulo, outro evento sobre a TE e também ministrado pelo criador da abordagem (Jeffrey Young) acontece no país. Trata-se de um curso oferecido no auditório da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), na região Sudeste. E pelos relatos dos colaboradores, é possível compreender este evento como um marco no cenário da TE à época.

Então, depois nos anos 2000, o Cristiano traz o Jeffrey Young, que fortalece mais... Esse foi um curso de dois dias, um curso mesmo, assim com apostila, importante, com a certificação que tu tinhas feito aquele curso, não era um workshop era um curso... [...]. [...] com um público bem mais importante, com várias outras pessoas que nos seus cursos de especialização de TCC entrava com a Terapia do Esquema (Ricardo Wainer).

Dessa vez, o organizador do evento foi o psicólogo Cristiano Nabuco e demais colaboradores, na época presidente da SBTC (2005-2007). Ele próprio nos narrou sua participação neste workshop:

[...] mas eu recordo que eu montei um workshop de três ou quatro dias, eu não me lembro. Eu só sei que nós fizemos lá no auditório da Faculdade de Medicina daqui da USP (Universidade de São Paulo), na Heitor Penteado, e o que aconteceu foi que realizamos um workshop "teórico prático" com 250 pessoas. [...] Houve tradução simultânea, isso era algo extremamente custoso, mas eu entendi que essa seria a melhor forma de fazer. Tivemos profissionais do Brasil todo, inclusive de fora, da Argentina, do Uruguai, México, enfim... Vale dizer, que antes de ele vir, nos mandou cerca de 80 questionários diferentes. Um questionário que rastreava um determinado tipo ou padrão, um outro questionário, outro, enfim, deu uma trabalheira danada, mas valeu a pena. Então, essa experiência foi a precursora desse e dos demais contatos que vieram depois, permitindo dezenas de pessoas que começaram a estudar aqui que pudessem ir estudar com ele depois nos EUA. Então, eu posso dizer com segurança que essa foi, na verdade, a entrada oficial da linha dele aqui no Brasil (Cristiano Ricardo Faedo Nabuco de Abreu).

Este curso evidencia o interesse dos profissionais brasileiros no modelo teórico da abordagem do esquema na época, uma vez que já reunia um número considerável de adeptos e interessados.

Quando um grupo de pessoas se reuniu e pensou em chamar o Jeffrey Young indicava que havia uma procura importante, então eu acho que pode ter sido uma constatação do reconhecimento da abordagem junto com uma necessidade de aprofundar mais esse conhecimento. [...] e quando foi em 2007, o Jeffrey Young esteve em São Paulo, eu acho que ele ficou uns três ou quatro dias, foi bastante tempo, ele fez um Workshop, reuniu cerca de umas 500 pessoas, todas interessadas, e a coisa começou a chamar mais atenção, a

despertar interesse... e eu lembro que minhas ex-alunas estavam também, então foi bem interessante, as pessoas começavam a comentar "Nossa... como vocês estão familiarizadas...". E elas diziam "Ah, nós fizemos um grupo de estudos..." [...]. Mas voltando à questão da sua pergunta, eu entendo que a chegada ao Brasil, nesses casos ela não tem uma data, mas ela tem uma fase, talvez. Então eu acho que ela chegou oficialmente, se a gente pode pensar numa data, foi com o curso, o Workshop do Jeffrey Young (2007) (Eliane Mary de Oliveira Falcone).

Além de possibilitar aos psicólogos (as) brasileiros aprenderem sobre a abordagem, este evento propiciou que eles pudessem conhecer com proximidade o criador da teoria. Nabuco, por exemplo, relata que o hospedou em sua casa e por isso estreitou laços com ele e outros profissionais de fora do país, enquanto Ventura menciona o contato fora das aulas e a entrevista que conduziu e publicou no ano seguinte junto com a psicóloga Eliane.

Ele ficou hospedado num hotel e depois hospedado na minha casa e ao longo desses dias foi a primeira vez que ele compartilhava com a população brasileira esses achados, tudo que ele tinha feito até então dentro do modelo de psicoterapia. [...] (Cristiano Ricardo Faedo Nabuco de Abreu).

A gente teve a oportunidade de fazer um curso com o próprio Jeffrey Young, um curso de imersão aqui no Brasil, em São Paulo, estava um frio imenso que eu me lembro, em julho, eu acho que deve ter sido em 2007, mais ou menos, e foi quando a gente teve a oportunidade de conhecê-lo de uma maneira mais intensa, porque a gente tinha o curso o dia todo e à noite a gente jantava com ele e conversava com ele como pessoa. [...] Então lá fomos nós para o hotel em que ele estava, para o quarto dele para fazer entrevista, e ele todo assim formal, com o jeito bem interessante, diferente, então a gente teve a oportunidade de tirar todas as dúvidas que tínhamos, foi muito legal. [...] mas foi marcante, tentamos entender como foi a relação dele com Beck, como é que tinha sido ele desenvolver essa teoria e como havia ficado, e ele falou que a relação era boa, a gente aprofundou um pouquinho mais a questão de esquema e crença e ele falou "gente, que besteira isso é tudo a mesma coisa, ficam querendo separar uma coisa da outra, mas é tudo igual, eu que uso esse termos e ele usa outro, mas está tudo bem..."... então foi muito legal e aí ele falou um pouco mais da vida pessoal dele [...] (Paula Rui Ventura).

Apesar da relevância deste evento e dos atores envolvidos que, inclusive Melissa Fioravante indica como precursores, nessa época, a expansão da abordagem era restrita a certos grupos, possivelmente esses envolvidos com o campo acadêmico e científico.

Mas era muito, era um gueto muito específico, por isso que eu falei que ainda não era comercializável como hoje, que tem baralhos, livros, workshop especial, congresso especial sobre o tema, então começa dessa forma". [...] a gente pega pessoas que estão estudando por fora, um Ricardo Wainer que fez o curso com o Jeffrey Young, a Eliane Falcone que fez alguma coisa com o Jeffrey Young, e eles trazem para cá, e quando eles trazem para cá, que é quando

eu digo que começa a ficar comercial [...]. Por exemplo, se você for fazer uma entrevista com Eliane Falcone, provavelmente a percepção dela vai ser diferente, porque ela está trazendo, ela é uma das pessoas que traz, ela na Revista Brasileira de Psicologia Cognitiva ela entrevista o Jeffrey Young, ela faz essa entrevista, se não me engano essa entrevista é de 2009 ou 2008, então ali já mostra o interesse. Só que é aquela pessoa que está... é um público muito pequeno que conhece esses professores, que são professores das revistas, os professores das escolas mais tradicionais [...] (Melissa Gevezier Fioravante).

Pelas narrativas coletadas, é possível inferir que foi a partir deste Curso de São Paulo que outros fatores surgiram, como os mencionados por Fioravante, tais quais: a publicação do livro mais conhecido sobre Terapia do Esquema no país – *Terapia do Esquema: Guia de Técnicas Cognitivo-comportamentais Inovadoras*, de Young et al. (2003/2008); a criação de novos eventos em território nacional; a publicação da entrevista conduzida por Falcone e Ventura e novos textos acadêmicos/científicos, baralhos, etc.

Bem, a partir daí eu comecei... e cheguei a fazer uma entrevista com o Jeffrey Young, eu não sei se você tem conhecimento dessa entrevista na revista brasileira de Terapia Cognitivas, junto com a Paula Ventura, fizemos a entrevista. A partir daí, eu comecei a publicar mais, a ser chamada para apresentar, para publicar e isso vai fazendo com que a gente vá construindo... [...] O livro dele ainda não tinha sido publicado e nem traduzido, porque foi traduzido em 2008, mas acredito eu que isso também deve ter contribuído para essa tradução do livro pela Artmed. Se você vê, as coisas vão pulando e a produção do livro, a publicação do livro eu imagino que tenha sido também, com certeza, um elemento importante de chamar atenção para o modelo (Eliane Mary de Oliveira Falcone).

Nós tivemos dois livros, primeiro aquele livro preto do Young né "Terapia Cognitiva para Transtornos de Personalidade – Uma abordagem focada em esquemas", e depois o "Terapia do Esquema", que foi realmente um presente para os interessados né, pela tradução e difundiu muito também, acho que esse foi um marco importante no crescimento, foi a tradução desses dois livros pela Artmed. [...] (Ricardo Wainer).

Além disso, nessa época, também como resultado dessa conjuntura, em 2008, o psicólogo Wainer cria a Jornada Wainer Psicologia (WP), evento organizado em cinco edições, na região Sul do país, começando em 2008 e findando em 2013, contribuindo igualmente para a difusão do modelo.

É que assim, a evolução do nosso curso em especialização em TCC a gente sempre trazia um ou dois professores internacionais como referência, e quando a gente trazia a gente pensava: "por que a gente vai possibilitar que só nossos alunos acessem esses professores?" então, a gente fazia jornadas abertas ao público onde essas pessoas também falavam. Isso foi ganhando um volume inimaginável para nós... (Ricardo Wainer).

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo rastrear processos de início e de difusão da Terapia do Esquema entre profissionais de Psicologia no Brasil limitado ao período de 1990 a 2010, a fim de compreender o seu crescimento no país. Para tanto, inscrevemos uma narrativa historicizada a partir de relatos orais de profissionais de Psicologia que estudam, praticam, ou tiveram contato com essa abordagem terapêutica, e os analisamos através do método Análise de Conteúdo.

A partir dos relatos dos psicólogos colaboradores, foi possível identificar que todo o contexto historicizado da Terapia do Esquema no Brasil envolveu a ação direta ou não de profissionais aderentes à Terapia Cognitivo-Comportamental (tradicional), assim como, o atravessamento da historicidade desse modelo. Ademais, de modo generalizado, a prática autodidata (estudo e prática) e a docência (ensino e o compartilhar da teoria) estiveram presentes na experiência dos atores entrevistados e envolvidos com a abordagem no período de 1990 a 2010, com exceção de Cristiano Nabuco, por sua contribuição limitar-se à gestão da SBTC (2007-2009).

As primeiras memórias da Terapia do Esquema no Brasil remontam à década 1990, especificamente na experiência do psicólogo Ricardo Wainer, e pela realização de um workshop ministrado pelo criador da abordagem, o psicólogo americano Jeffrey Young, organizado pelo psiquiatra Paulo Knapp, no auditório da Associação Médica do Rio Grande do Sul (AMRIGS). Posteriormente, na primeira década dos anos 2000 (2000-2010), a expansão da Terapia Cognitiva tradicional no Brasil acompanha o movimento internacional, e a partir das ações de atores internos (psicólogos cognitivo-comportamentais) e, consequentemente, a contribuição de instituições dessa área, como a SBTC, aos poucos a TE alcança mais profissionais no país. Além disso, em 2007, por intermédio da SBTC, na pessoa do então presidente Cristiano Nabuco, mais uma vez o psicólogo estadunidense Jeffrey Young retorna ao Brasil para ministrar oficialmente um curso aos profissionais brasileiros. Este evento é considerado um marco na historicidade da abordagem no país, sendo apontado como acontecimento estratégico para outras ações que vieram posteriormente e auxiliou na difusão do modelo entre os profissionais de Psicologia e nas regiões citadas (Sul e Sudeste).

Ressaltamos que este trabalho possibilitou compreender o cenário da TE a partir das memórias pessoais dos participantes entrevistados, por isso não esgota o tema. Nesse sentido, sugerimos que mais pesquisas sejam realizadas, a fim de compreender os processos historicizados dessa prática psicológica, que compõem o guarda-chuva psicoterapêutico cognitivo-comportamental no país.

Referências

Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo* (4a ed.). Edições 70.

Carvalho, M. R.; Pavan, C. C; Alvarenga, M. A. S; Penido, M. A.; Neufeld, C. B. (2023). *A história das Terapias Cognitivo-Comportamentais na região Sudeste do Brasil. Psicologia em Pesquisa (UFJF)*, 17, 1-23. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2023.v17.35677>

Callegaro, M. M. (2005). A neurobiologia do Esquema e o Processamento Inconsciente. *Revista Brasileira de Terapia Cognitiva*, 1(1), 9-20. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872005000100002&lng=pt&nrm=iso

Cazassa, M. J. (2007). Mapeamento de esquemas cognitivos: validação da versão brasileira do Young schema questionnaire. [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. Repositório PUC-RS. <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/953>

Edward, D. & Arntz, A. (2012) Schema Therapy in Historical Perspective. In M. V. Wreeswijk; J. Brersen; M. Nadort. *The Wiley-Blackwell Handbook of Schema Therapy – Theory* (pp. 17-46), Research and Practice. Editorial Offices.

Ericeira, R. C. S. (2006). *Haja Deus: A Flor do Samba no Carnaval de Atenas Brasileira*. Fundação Municipal de Cultura.

Falcone, E. (2011). Terapia do Esquema. In B. Rangé (Org.) *Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria* (2a ed., Cap. 4, pp. 50-66). Artmed.

Falcone, E. & Ventura, P. R. (2008). Entrevista com Dr. Jeffrey Young. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 4(01), 1-7. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v4n1/v4n1a10.pdf>

Meihy, J. C. S. B. & Seawright, L. (2020). *Memórias e Narrativas: História Oral Aplicada*. Contexto.

Neufeld, C. B.; Pavan-Cândido, C. C.; Paz, S.; Martins, R. G. (2015). Contribuições da FBTC ao crescimento das terapias cognitivas no Brasil. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 11(2), 119-128. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20150017>

Melo, W. V. (2015). Entrevista com a Profa. Drª. Eliane Falcone: Carreira, vida pessoal e desafios futuros. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 11 (1), 64-66. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20150009>

Penna, R. S. (2005). *Fontes Orais e historiografia: avanços e perspectivas*. EDI-PUCRS.

Pollak, M. (1992). Memória e Identidade Social. *Revista Estudos Históricos*, 5(10), 200-212.

Rangé, B. P. & Falcone, E. M. O. (n.d.). História das Terapias Cognitivas no Rio de Janeiro. <https://atc-rio.org.br/atc/museu-virtual/>

Rangé, B. P.; Falcone, E. M. O.; Sardinha, A. (2007). História e panorama atual das terapias cognitivas no Brasil. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 3(2).

Ricoeur, P. (2007). *A memória, a História e o Esquecimento*. Editora da Unicamp.

Young, J. E. (2003). *Terapia Cognitiva para Transtorno da Personalidade: Uma abordagem focada em esquemas* (M. A. V Veronese, Trad.) (3a ed). Artmed. (Original publicado em 1999)

Young, J. E.; Kloslo, J. S. & Weishaar, M. E. (2008). *Terapia do Esquema: Guia de Técnicas Cognitivo-Comportamentais Inovadoras* (R. C. Costa, Trad.). Artmed. (Original publicado em 2003)

Young, J. E. & Kloslo, J. S. (2020). *Reinvente sua vida. Um programa avançado para ajudá-lo a acabar com comportamentos negativos... e sentir-se bem novamente!* (R. B. Pazzin, Trad.) (2a ed.). Sinopsys. (Original publicado em 1994)

Nota sobre os autores:

Maicon da Silva Moreira é professor do Departamento de Psicologia da Faculdade Uniguaçu. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: maicon-moreira@hotmail.com

Ronald Clay dos Santos Ericeira é professor-associado do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Doutor em Ciências Humanas – Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: ronaldericeira@yahoo.com.br

Data de submissão: 12.01.2024

Data de aceite: 30.09.2024